

O Bem o livro foi imediatamente levado ao Rio, ao editor
 Fern. Cab!, que me deu um pagou integralmente o que me
 devia e publicado teve um éxito immediato, ~~apenas de~~
 não ter sido feita sua impressão, que daria uma impressão
 de publicidade. / E eu dizia quando terminei o livro e
 o reli o seguinte: (dando-lhe o que he de ser de um
 declaração): Este livro vai ser considerado ou de um idiota
 ou de um gênio. Como eu vejo hoje a coisa creio que este
 mais próximo da segunda categoria que da primeira, mas
 não estou afirmando que estou inteiramente na segunda ca-
 tegoria sabe e que estou inteiramente fora da primeira.
 Nada de muita ênfase. Mas o livro teve realmente críticas
 entusiásticas dos críticos da época considerados o mais dis-
 tinguídos, como eram José Ribeiro, um grande crítico que
 o Brasil foi teve, ~~em~~ que eu não conhecia pessoalmente, cuja ab-
 joi o mais sagrado do livro, de Roberto Pinto o maior antepri-
 logo brasileiro que destacou exatamente o lastro antropológico
 do livro e também a sua expressão literária, Roberto Pinto
 era também membro da Academia Brasileira de Letras e o
 então famoso malabarista Joaquim Grillo, que afirmou com
 dois dedos, não um pé de dois, de entusiasmo verdade-
 ramente bíblico pelo livro do ponto de vista literário.
 Hoje como é que eu vejo? Continuo a dizer que
 que realmente o livro tem mais valor do que se devia
 que tinha que ser publicado, que é original,
 pioneiro, que é uma antecipação na presente
 das na presente a livros brasileiros mas um pouco a
 livros em toda parte do mundo. / porque era tão alta
 a opinião de grandes críticos estrangeiros como Roland Barthes
 na França, que eu acho que é e muitos críticos franceses
 como Lord Frank, na Inglaterra, como Bertold Wolff, e
 Wald Frank (!) no Reino Unido. Não direi honra em
 generalização de afirmativas feitas ao livro que não

a um amigo meu da Universidade de Stanford (?),
 uma das melhores dos Estados Unidos que tendo perdido
 dela um convite para lá fazer conferências, dar um curso, e
 tendo pensado o curso, que agora eu podia aceitá-lo e
 imediatamente veio para cá com uma passagem para
 mim num navio de luxo, italiano, o Saturnia, e em
 alguns dias já em pleno inverno, na vizinhança de
 neve, uma viagem de Natal, em que estava vivendo uma
 vida de conforto, de refugação do trabalho. Mas tive já
 um adiantamento da Universidade, que me permitia comprar
 alguma roupa usá-la; atentei os Estados Unidos num trem
 transcontinental, naquela época o avião em Paris, e cheguei
 a Stanford (?) já num nevoeiro polvoroso que me lembraram
 as do Brasil e comecei imediatamente a dar 2 cursos
 que talvez não sejam fundamentais porque o que seria o
 livro C. G. S., porque formar 2 cursos sobre a formação
 brasileira sob um novo ponto de vista, um ponto de
 vista social, quase despretada a história política e enfati-
 zada a história econômica e social. E uns cursos na-
 turaismente tinham que ser baseados em pesquisas minhas
 na biblioteca da Universidade que era muito boa sobre coisas
 brasileiras; uma brasileira do velho geólogo Brenner (?) que
 tinha sido presidente da Universidade e esteve no Brasil
 em estudos geológicos e formava uma coleção brasileira,
 inclusive com toda a série de documentos ingleses do par-
 lamento britânico inglês sobre a vida no Brasil. Um manua-
 l para mim, uma fonte magnífica de que eu tinha me
 servi e que é mencionada no livro C. G. S. -

Bem daí em diante de algum tempo na Universidade de
 Stanford (?), uma universidade extremamente simpática, uma
 universidade que não limita o número de alunos de
 modo que dá ênfase ao ensino de qualidade, refulindo o
 de quantidade, daí, depois de algum tempo aí crescer